



DOI: <https://doi.org/10.59488/tragica.v18i1.64890>

# Revista Trágica

Volume 18 - Número 01 ISSN 1982-5870

---

## James Arêas: uma experiência filosófica\*

*James Arêas: a philosophical experience*

Veronica Damasceno  

Professora Associada da Escola de Belas Artes da UFRJ  
Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: [vmdamasceno@eba.ufrj.br](mailto:vmdamasceno@eba.ufrj.br)

**Resumo:** Este trabalho visa apresentar uma parte da história acerca da constituição dos estudos de Deleuze na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no final dos anos 1990 e início do séc. XXI. Pretendemos, além de apresentar essa parte da história, prestar uma homenagem póstuma a James Arêas, um dos professores fundamentais para que esse campo de pesquisa se constituísse, tal como conhecemos hoje, nessa Universidade. Trata-se de apresentar como foi nossa luta para estudar Deleuze na UERJ, bem como os desdobramentos que esse acontecimento suscitou, e ainda de relatar como essa experiência estético-política influenciou nossas pesquisas e acabou por se constituir num verdadeiro ato político de resistência; digno do pensamento de Deleuze.

**Palavras-chave:** Memória; Tempo; Professor; Afecto; Filosofia

**Abstract:** This paper aims to present part of the history of the constitution of Deleuze studies at the State University of Rio de Janeiro (UERJ) in the late 1990s and early 21st century. As well as presenting this part of the story, we want to pay a posthumous tribute to James Arêas, one of the key professors who helped to establish this field of research as we know it today at the university. It is a question of presenting our struggle to study Deleuze at UERJ, as well as the developments that this event rose to, and of reporting how this aesthetic-political experience influenced our research and ended up constituting a true political act of resistance; worthy of Deleuze's thought.

**Keywords:** Memory; Time; Teacher; Affect; Philosophy

---

\* Este artigo é uma publicação, com algumas modificações, do trabalho apresentado no IX Encontro do GT Deleuze e Guattari (ANPOF), realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na *Mesa em homenagem ao Professor James Arêas*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=st1l-0xOto&t=426s> Acesso em outubro de 2024.

Este trabalho pretende prestar uma homenagem póstuma a James Arêas (1955-2022), o qual foi Professor do Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) (1995-2022) e um dos primeiros estudiosos de Deleuze no Rio de Janeiro e no Brasil.<sup>1</sup> Trata-se, pois, de um trabalho que pretende, na medida do possível, traçar sua trajetória de vida e de experiência filosófica. Para tanto, optamos por um estilo que se aproxima, até certo ponto, de uma espécie de autoetnografia. Isso quer dizer que não se trata aqui de propor um texto acadêmico, no sentido estrito, até porque se pretendemos abordar memórias e, sobretudo, relatar uma experiência ocorrida num determinado momento histórico é impossível fazer desse trabalho um texto estritamente acadêmico. Desse modo, esse trabalho se aproxima, portanto, muito mais de um relato histórico com nuances poético-filosóficas, na medida do possível, do que de um texto estritamente acadêmico.

É importante ressaltar ainda que, nós que estudamos Deleuze, aprendemos com ele o sentido da criação nas artes, nas ciências e na filosofia. Todavia, compreendemos que a criação conceitual não é algo simples de se fazer, mas algo que requer muito trabalho e muita paciência. Mas, o estilo em filosofia talvez seja o começo para se tentar criar um pouco e, sobretudo, para não recairmos nas repetições correntes da História da Filosofia.

Contudo, como se trata de experiências e vivências filosóficas é também inevitável que conceitos e problemas filosóficos atravessem nosso texto. Mas não do mesmo modo como eles apareceriam num texto estritamente acadêmico, pois não se trata aqui de um texto que visa somente apresentar tais conceitos e problemas, mas sim de um pouco mais do que isso. Nesse sentido, os conceitos e problemas que se entrelaçam, no meio do texto, virão se misturar aos relatos dessa experiência que pretendemos abordar. Trata-se ainda de uma trajetória individual, mas ao mesmo tempo que se deu coletivamente, a ser relatada.

Nesse sentido, pretendemos na medida do possível dar um tratamento o mais poético possível a esse texto. Por isso, não pretendemos abordar os conceitos e problemas que eventualmente surgirão ao longo do texto, exaustivamente, já que como afirma Deleuze:

Mais importante do que o pensamento é o que “dá que pensar”, mais importante do que o filósofo é o poeta. Victor Hugo faz filosofia em seus primeiros poemas, porque ele ainda pensa, em vez de contentar-se, como a natureza, em dar que pensar. Mas o poeta aprende que o essencial está fora do pensamento, naquilo que força a pensar [...] impressões que nos forçam a olhar, encontros que nos forçam a interpretar, expressões que nos forçam a pensar.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Arêas se formou em Filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)1981, fez Mestrado e Doutorado em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)1989; 1999. Foi um brilhante Professor, mas destacou-se, sobretudo, pelos cursos de cinema, tanto em grupos de estudos quanto na UERJ e no Curso de Especialização em Arte e Filosofia da PUC-Rio. A esse respeito, ver <http://lattes.cnpq.br/5464857528712941>.

<sup>2</sup> DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*, p. 90.

Nesse sentido, decidimos por uma abordagem mais poética e expressiva, já que se trata de um relato que, em alguns momentos se mescla a alguns conceitos e problemas filosóficos, que eventualmente surgem. Mas, nossa intenção é uma abordagem mais direta do que explicativa e repetitiva.

### O encontro na UERJ<sup>3</sup>

Quando esse Encontro começou a ser planejado, no final de 2022, eu ainda não sabia como seria minha participação. Mas, com a perda do James em dezembro desse mesmo ano, não poderia pensar em outra coisa a não ser em fazer algo que girasse em torno dele, no sentido de honrar sua memória uma vez que o encontro se daria pela primeira vez na UERJ, onde ele foi professor por quase trinta anos, onde o conheci e participei dessa experiência com ele.

O que me motivou a pensar nessa homenagem – sem entrar em detalhes dessa imensa perda, do luto e de tudo o que isso envolve – foi a surpresa com que me deparei com o acolhimento demonstrado por esse GT, o carinho e as mensagens recebidas, mesmo não sendo James um membro tão participante desse Grupo. Mas, creio que é sabido, para alguns membros desse GT que o conheciam, que James era ou foi um grande estudioso de Deleuze, isto é, um dos primeiros professores a se debruçar sobre seu pensamento e, sobretudo, a levar adiante toda uma geração que com ele foi afetada e percorreu os caminhos deixados por ele em sua trajetória filosófica.

A partir de tudo isso, não tive dúvidas de que eu só conseguiria participar desse Encontro, dessa vez, prestando alguma homenagem a ele. Afinal, eu estudei na UERJ, onde também fui professora substituta, e com o James passei cerca de 16 anos nessa Universidade, na qual mantenho laços de amizade e de trocas até hoje. Há muitas histórias por dentro e por fora desses muros que acredito que precisam ser resgatadas e conhecidas, sobretudo, pela nova geração de pensadores e professores que nela se formam, pelos estudiosos de Deleuze que desconhecem essa história, bem como o que ali aconteceu.

É importante ressaltar ainda que, a UERJ sediou, salvo engano, o primeiro Encontro Internacional sobre Deleuze, no qual vieram muitos estudiosos e ex-alunos de Deleuze, logo após sua morte. O Encontro ocorreu em 1996, ano em que eu estava entrando na Universidade. A UERJ foi palco de muitos encontros sobre Deleuze, que antecedem a história desse GT. Obviamente, não é possível relatar quando tudo isso começou. Quem nela estudou e/ou estuda Deleuze sabe um pouco sobre isso. Não tenho a intenção, nem é possível contar toda essa história, dados os limites deste artigo.

Então, esse trabalho visa ainda o relato de uma parte do que vi, vivi e experimentei na UERJ, através das aulas, estudos e pesquisas acerca de Deleuze. Pensei

---

<sup>3</sup> Iniciaremos esse relato a partir do momento em que ele começou a ser pensado, isto é, a partir do Encontro do GT Deleuze & Guattari ANPOF na UERJ em 2023, pois foi a partir dele que essa iniciativa surgiu. Por isso é imprescindível que ele esteja presente também nesse relato.

que seria importante convidar também alguns amigos e ex-alunos/orientandos do James, que participaram dessa trajetória comigo, pois considero que eles podem contribuir, cada um a seu modo, relatando o que experimentamos nessa Universidade no final dos anos 90 e início do século XXI.<sup>4</sup>

É evidente que inúmeros alunos de outras instituições, de cursos particulares e amigos, adorariam ter participado dessa mesa. Mas, uma vez que o GT é sobre Deleuze e na UERJ, pensei que essa homenagem precisaria ser com os amigos e ex-alunos, que participaram comigo de toda experiência a ser relatada.<sup>5</sup> Acredito que o documentário que o Vladimir decidiu fazer, a partir desse convite, poderá cobrir a eventual participação dos demais alunos e amigos que tiveram a oportunidade de conhecer, conviver e ter aulas com o James.<sup>6</sup>

É importante ressaltar ainda que, em julho de 2022, também tivemos um Encontro na Universidade Federal do Rio de Janeiro, para homenagear outro grande Professor de Filosofia, Claudio Ulpiano e, a convite de Luiz Manoel Lopes, eu apresentei o que chamei *Encontro James-Claudio*.<sup>7</sup> Talvez devesse ter chamado de constelação, pois se trata de duas grandes estrelas da História da Filosofia brasileira.<sup>8</sup> Acredito ainda que, com essas homenagens, estamos dando nossa contribuição para essa história.

## O encontro com James

Falar do meu encontro com James implica em, inicialmente, pensar em tempo e memória. Quando falo de memória, me remeto àquela imagem que Bergson desenha, em *Matéria e memória*, do cone invertido.<sup>9</sup> No sentido de que nosso passado só cresce à medida em que vivemos, em que estamos no mundo, que experimentamos o mundo, enquanto o tempo passa e desemboca no passado. Esse passado não para de crescer.

---

<sup>4</sup> Os alunos, amigos e ex-orientandos do James, que participaram dessa homenagem são: Guilherme Müller Jr., Rodrigo Carqueja, Pedro Fraga, Vladimir Seixas, Paulo Henrique Coutinho. A esse respeito, ver <https://www.youtube.com/watch?v=stil1-0xOto&t=426s> Acesso em outubro de 2024.

<sup>5</sup> Infelizmente, não há como mencionar aqui os nomes de todos os alunos e amigos que adorariam ter participado dessa homenagem, pois a lista é extensa. Mas pretendemos, na medida do possível, reunir em ocasião oportuna, todos os envolvidos e interessados.

<sup>6</sup> Vladimir Seixas, foi aluno do James, na UERJ, e decidiu estudar cinema, a partir de suas aulas. Quando o convidei para participar dessa homenagem, ele pensou em fazer um documentário sobre o James. Eu fiquei muito feliz e apoiei inteiramente a ideia. A esse respeito, ver <https://www.youtube.com/watch?v=stil1-0xOto&t=426s> Acesso em outubro de 2024. Ver também <https://vimeo.com/showcase/vladimirseixas> Acesso em janeiro 2025.

<sup>7</sup> Claudio Ulpiano também foi um grande professor de Filosofia e professor do James. Deu aulas na Universidade Federal Fluminense (UFF), no Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mas também tinha muitos grupos de estudos e segundo Arêas, foi pioneiro em ministrar cursos em grupos de estudos no Rio de Janeiro. A esse respeito, ver [https://pt.wikipedia.org/wiki/Claudio\\_Ulpiano](https://pt.wikipedia.org/wiki/Claudio_Ulpiano) Acesso em dezembro 2024. Ver também <https://acervoclaudioulpiano.wordpress.com/tag/biografia/> Acesso em dezembro 2024. Luiz Manoel Lopes também foi aluno do Claudio e atualmente é professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Cariri.

<sup>8</sup> Chamamos constelação, pois infelizmente os dois brilhantes professores de filosofia Claudio e James, Mestre e aluno, já faleceram. Como são duas estrelas, no sentido do brilhantismo de suas aulas e do estilo, decidimos chamar constelação, mesmo que sejam *dois* professores.

<sup>9</sup> Trata-se de BERGSON, Henri. *Matière et mémoire* in *Œuvres*, p. 178.

Assim, parece que nossa vida é ou se torna um grande passado. A cada vez que nos lembramos de algo, seja através de qualquer tipo de encontro: um encontro com alguém, com um filme, com uma música, com um perfume, ou mesmo, um encontro como esse na UERJ. Todos os encontros nos trazem à tona um baú de memórias, que não cessa de crescer. Todo tipo de lembrança surge, inclusive muitas das quais queremos esquecer.

James foi um dos professores que também “desbravou” os estudos sobre Bergson na UERJ. Em se tratando de Bergson, vale lembrar de sua tese radical acerca da duração e de tudo o que ela envolve. Nesse sentido, as aulas do James sobre Bergson, versavam ainda sobre esses e outros problemas bergsonianos.<sup>10</sup>

No que diz respeito aos problemas supracitados da memória e do tempo, encontramos ainda em *O pensamento e o movente* uma bela passagem acerca da *mudança*, na qual esses problemas são novamente invocados sob outra perspectiva.<sup>11</sup> A esse respeito, Bergson critica a filosofia tradicional e a linguagem, no sentido de pensar o passado como sendo inexistente. Como se somente o presente existisse por si mesmo. Desse modo, se algo existe do passado é tão-somente por uma espécie de caridade, ou mesmo por um socorro que o presente lhe presta. Ou ainda pela intervenção de uma certa função particular da memória, que os conserva numa espécie de caixa. Para Bergson, trata-se de um profundo erro, que só serve para agir, mas é mortal para a especulação. Ali se encontram, segundo ele, encerradas a maior parte das ilusões que podem viciar o pensamento filosófico.

Mas, afinal, pergunta Bergson, o que é o presente? Não se trata, afirma ele, do instante atual, pois este não tem uma existência real. Quando falamos do presente é num certo intervalo de duração que pensamos. Contudo, é impossível fixar a duração, já que o presente pode ser tão-somente o momento em que falo. Mas isso acontece porque fixamos nossa atenção nesse momento. Tal atenção pode se alongar ou encurtar. A distinção que fazemos entre presente e passado é sempre relativa à extensão de nossa atenção à vida. Nesse sentido, um acontecimento pertence ao passado e entra para a história quando não importa mais ao momento atual e não interfere em nenhum interesse, sem que ninguém sofra com isso. Enquanto sua ação se fizer sentir, ele pertence ainda à vida e permanece presente a ela.

Nesse sentido compreendemos que ele se passa com a vida, que permanece viva enquanto estiver presente na memória, até quando permanecer na memória ou lembrança. Assim nos parece que James continua a existir, continua vivo, sempre quando é lembrado por alguém. Ainda mais uma pessoa com tamanha singularidade, personalidade forte, que por muito tempo será lembrada.

A partir disso, torna-se possível recuar para bem longe a linha de separação entre o presente e o passado. Uma atenção à vida que fosse tão forte e despreendida do interesse prático abarcaria, então, num presente indiviso toda uma história passada, não como algo instantâneo ou mesmo como um conjunto de partes simultâneas, mas sim como algo continuamente presente e movente. Trata-se aí de um presente que dura. Isso ocorre

---

<sup>10</sup> É evidente que não há como mencionar aqui todas as aulas e problemas abordados, na trajetória acadêmica e filosófica do James. Mas, escolhemos tratar, sobretudo, da *memória* e do *tempo*, pois como explicamos anteriormente pensar no James nos remete a esses problemas. Obviamente que tais problemas se mesclam ao acontecimento dessa lamentável perda.

<sup>11</sup> BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente*.

em casos excepcionais nos quais a atenção renuncia subitamente ao interesse que tomava pela vida. Então repentinamente o passado se torna, como uma espécie de encantamento, novamente presente. Isso acontece com pessoas que veem a ameaça da morte surgir à sua frente, de modo súbito, nos afogados e enforcados, no alpinista que escorrega no fundo de um precipício, por exemplo. Nesse sentido, a conversão brusca da atenção se produz, um tipo de mudança na orientação da consciência que, até então se voltava para o porvir e era absorvida pelas necessidades da ação, de repente se desinteressa. Isso é o suficiente para que ínfimos e infinitos detalhes *esquecidos* retornem ao presente e que toda a história se desenrole num panorama móvel.

A memória, para Bergson, não precisa, portanto, de explicação. Isso significa que não há uma faculdade especial na qual a retenção do passado e sua transformação em presente seja sua função, pois o passado se conserva naturalmente. Contudo, se não enxergamos a indivisibilidade da mudança, isto é, o fato de que nosso mais longínquo passado participa de nosso presente e constitui, com ele, uma única e mesma mudança ininterrupta, parece-nos que o passado é algo inexistente e que sua conservação é algo extraordinário. Nesse sentido, imaginamos um aparelho que registraria as partes do passado suscetíveis de reaparecer. Todavia, se levarmos em conta a continuidade da vida interior, isto é, sua indivisibilidade não será, portanto, a conservação do passado que precisará ser explicada, mas sim sua aparente abolição. Não teremos então mais que nos preocupar com a lembrança e sim com o esquecimento.

A natureza criou um mecanismo para filtrar nossa atenção em direção ao porvir e desviá-la do passado, isto é, da parte da história que não interessa mais ao presente, tendo em vista trazer, no máximo, lembranças ou determinadas simplificações de experiências anteriores que se destinam a completar a experiência do presente. Essa é, segundo Bergson, a função do cérebro. Nesse sentido, assinala ele: "...a conservação do passado, no presente, não é nada além da indivisibilidade da mudança".<sup>12</sup> Basta nos convencermos da realidade da mudança, isto é, de que a realidade é mudança, de que a mudança é indivisível e de que por isso o passado se consubstancia com o presente.

### **Alguns desdobramentos das teses bergsonianas acerca da memória e do tempo**

Encontramos ainda, a esse respeito, uma bela abordagem que faz Deleuze em um de seus livros acerca do cinema, ao qual ele designa *Pontas de presente e lençóis de passado* ou ainda, a simultaneidade do presente com o passado que ele foi.<sup>13</sup> Esse é, segundo ele, um tema essencial do bergsonismo.<sup>14</sup> Nesse sentido, o autor assinala que o cristal revela uma imagem-tempo direta e não mais uma imagem indireta do tempo, que decorreria do movimento. Ele não abstrai o tempo, mas reverte sua subordinação ao movimento. O que o cristal revela ou faz ver é o fundamento oculto do tempo, ou seja, sua diferenciação em dois jorros dissimétricos, o dos presentes que passam e o dos passados que se conservam. O tempo faz passar o presente e conserva em si o passado, de uma vez só.

---

<sup>12</sup> Ibidem. p. 179.

<sup>13</sup> Trata-se de DELEUZE, Gilles. *Cinema 2: a imagem-tempo*. p. 121-141.

<sup>14</sup> A esse respeito, ver DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. p. 113.

Há, pois, duas imagens-tempo diretas: uma que se funda no passado e a outra no presente.

Na imagem-tempo, Bergson conferia um estatuto muito rigoroso, o esquema do cone invertido. Isso significa que o passado não se confunde com a existência mental das imagens-lembrança, as quais atualizam tal passado em nós. Mas é no tempo que o passado se conserva. Isso é também um cristal de tempo, precisamente porque nos dá a ver o atual e sua virtualidade.<sup>15</sup> É no cristal que vemos o tempo. Ele é o elemento virtual no qual penetramos para procurar a *lembrança pura*, a qual acaba por se atualizar numa *imagem-lembrança*. Tal lembrança não emitiria nenhum signo do passado, caso não procurássemos no próprio passado seu germe. Assim como percebemos as coisas lá onde elas estão presentes, no espaço, nós também nos lembramos delas, no tempo, lá onde elas se passaram. Em ambos os casos, precisamos sair de nós mesmos.

Isso acontece porque para se lembrar é preciso fazer uma grande viagem no tempo, como sair de nós mesmos, porque a memória não se encontra em nós. Mas, nos movemos numa grande memória ser, memória mundo. Nesse sentido, o passado se manifesta como a coexistência de círculos mais ou menos dilatados, mais ou menos contraídos. Cada círculo contém tudo ao mesmo tempo e o presente é o limite extremo, isto é, o menor circuito que contém todo o passado. Cada região com seus caracteres próprios, seus tons, seus aspectos e singularidades, pontos brilhantes, dominantes. De acordo com a lembrança dominante, devemos saltar de um círculo a outro. Determinadas regiões, tais como a família, a adolescência, mesmo a maturidade, parecem se suceder, do ponto de vista dos antigos presentes, os quais marcam os limites de cada um. Somos construídos como *memória, somos a um só tempo a infância, a adolescência, a velhice e a maturidade, no sentido felliniano*.<sup>16</sup>

Nesse sentido, pergunta Deleuze: o que acontece quando procuramos uma lembrança? Precisamos nos instalar no passado em geral, depois temos que escolher entre as regiões, de infância, de adolescência, de maturidade ou mesmo a velhice: em qual delas acreditamos estar escondida a lembrança, encolhida, nos aguardando, ou se esquivando? Saltamos de uma região do passado ao presente e retornamos a outra região quando não encontramos a lembrança almejada, quando ela não se torna uma imagem-lembrança: será um amigo, de infância, de juventude, de trabalho? Esses são os traços de um tempo não-cronológico ou a preexistência de um passado em geral, a coexistência de todos os lençóis de passado, a existência de um grau mais contraído do que outro.

A lembrança se instala no acontecimento vazio do tempo, o acontecimento está no tempo em que nada se passa e é no tempo vazio que antecipamos a lembrança, desagregamos o que é atual e situamos a lembrança. Desse modo, não há mais futuro, presente e passado sucessivos porque o tempo do acontecimento e o tempo da

<sup>15</sup> A esse respeito, ver DELEUZE, Gilles. Op. Cit., p. 214.

<sup>16</sup> Invocamos o sentido felliniano, pois no capítulo relativo aos *Cristais de tempo*, Deleuze considera que o cinema de Fellini se constitui como um cristal em germe e compreende o próprio devir na medida em que *Amarcord*, por exemplo, mostra uma cena na qual os estudantes, no final de temporada, em frente ao grande hotel, cantarolam e dançam. Eles não são mais crianças, mas ainda não são adultos, se encontram no meio, entre uma idade e outra, não são nem uma coisa, nem outra, mas comportam tanto a infância, quanto a idade adulta em germe, os dois ao mesmo tempo. A esse respeito, ver FELLINI, Federico. *Amarcord*. Itália, 1973. 127 min.

lembrança são simultâneos. Como no tempo Agostiniano: presente do futuro, presente do presente e presente do passado, todos os tempos estão implicados e enrolados simultaneamente. Do afeto ao tempo, descobrimos um tempo interior ao acontecimento, feito da simultaneidade dos três presentes implicados, as pontas de presente. É a possibilidade de tratar a vida, o mundo, ou mesmo uma vida, um episódio, como um único e mesmo acontecimento, que funda a implicação dos presentes. Trata-se aqui da coexistência dos presentes e não mais da simultaneidade dos lençóis de passado.

Nesse sentido, o presente pode valer por todo o conjunto do tempo, desde que ele seja destacado de toda sua atualidade. Algo se passou, ainda vai se passar, está se passando. É o conjunto dos três momentos do tempo: passado, presente e futuro que ocorrem num único e mesmo acontecimento. Evidente que não é ao mesmo tempo que o conjunto de todo o tempo acontece, mas sim no mesmo acontecimento. Nesse sentido, assinala Zourabichvili:

É como se o acontecimento se executasse em dois modos temporais ao mesmo tempo: o presente de sua efetuação, num estado de coisas, ou de sua encarnação numa “mistura de corpos”; mas também uma eternidade paradoxal em que algo de inefetuável, de incorporeal, transborda e sobrevive à efetuação.<sup>17</sup>

O acontecimento se efetua na continuidade do presente homogêneo. Quando cessa sua efetuação passa-se a outro presente que se sucede a esse presente atual. O acontecimento é *escamoteado*, enquanto tal ele *não tem* um presente, mas paradoxalmente faz coincidir futuro – ainda não, mas já aí – e passado – ainda presente, mas já passado. Esse é o paradoxo do devir.

A esse respeito, afirma Deleuze em *Lógica do sentido*:

Quando digo “Alice cresce”, quero dizer que ela devém maior do que era. Mas, também por isso, ela devém menor do que é agora. Sem dúvida, não é ao mesmo tempo que ela é maior e menor. Mas é ao mesmo tempo que ela devém maior e menor. Ela é maior agora, ela era menor antes. Mas é ao mesmo tempo, no mesmo lance, que devimos maiores do que éramos, e que nos fazemos menores do que nos devimos. Tal é a simultaneidade de um devir a quem é próprio esquivar o presente.<sup>18</sup>

É nesse sentido que o acontecimento tem lugar num tempo sem duração, num tempo vazio, no qual paradoxalmente nada se passa, ele é estático, mesmo que seja pura mudança, puro movimento. Só o percebemos após ou durante sua efetuação, se for longa. Sua espera é interminável, no qual o *ainda não* e o *já* se confundem, pois se misturam entre si.

Esse vazio do tempo puro ou o tempo do acontecimento possibilita a instauração dessa máquina-memória, nas lembranças puras, na rememoração e no revivescimento desse tempo passado no presente. A máquina-memória não consiste somente em

---

<sup>17</sup> ZOURABICHVILI, François. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*, p. 117.

<sup>18</sup> DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*, p. 01.

lembrar, mas em reviver um instante preciso do passado. O instante passado é como um ponto brilhante que pertence a um lençol e dele não pode ser destacado. Instante ambíguo, que participa até mesmo de dois lençóis: o amor por alguém e até mesmo a perda desse amor. Para reviver esse amor é preciso percorrer novamente esses lençóis e, por isso mesmo, percorrer muitos outros: antes de conhecer o amor, durante, depois, depois da morte de alguém. Todos os tipos de regiões do passado são percorridos e misturados na memória, que salta de uma região a outra e parece emergir de um pântano original, ou mesmo atravessar um incêndio.

O acontecimento é como um sobrevoo, já que ele atravessa os três momentos do tempo simultaneamente, mas não recai neles. Senão ele deixa de ser um acontecimento e passa a ser história. A história consiste em passar ao lado do acontecimento, mas a memória requer atravessá-lo por dentro. Nesse sentido, trata-se de percorrer os mapas, uma cartografia dessas regiões da memória, atravessar territórios escondidos, esquecidos, mas que sobrevêm nessa travessia do tempo e da memória. Para isso, é preciso se desterritorializar, sair de si e entrar nessa grande memória-ser, memória-mundo e ainda se reterritorializar, isto é, repovoar a memória com antigos e novos presentes, uma verdadeira viagem no mesmo lugar do espaço e em diferentes dimensões ou camadas de tempo. A memória consiste em estar dentro do acontecimento, percorrê-lo, remontá-lo por dentro. Uma espécie de cartografia das imagens cristalinas de tempo. Verdadeiros mapas mentais, abertos a conexões variáveis de tempo.

Os sonhos, fantasmas e pesadelos também participam dessa experiência temporal. A diferença é que nos sonhos ou na imagem-sonho as regiões de passado são lençóis *de* transformação, na medida em que embaralhamos as regiões e saltamos de uma ponta a outra para reconstituir essa memória. Daí a presença das falsas lembranças e o risco de o sonho se tornar pesadelo.

Evocar essa memória do passado também compreende retomar muitas lembranças, muitas das quais, como dissemos anteriormente, às vezes queremos esquecer, passar uma borracha, e talvez por isso a gente reconstrua nosso passado com algo que não vivenciamos, que não experimentamos, ao menos não inteiramente, do modo como nos lembramos, nessa reconstrução do passado. Essa seria a tal memória ontológica ou metafísica proustiana. Isso não quer dizer, contudo, que a memória que pretendo invocar aqui seja falsa, mas da minha dificuldade de me lembrar de um passado de quase 30 anos.

Nesse sentido, afirma Deleuze em *Proust e os signos*: “Os signos sensíveis nos forçam a procurar a verdade, mas mobilizam uma memória involuntária (ou uma imaginação involuntária nascida do desejo) [...] Os signos mobilizam, coagem uma faculdade: seja inteligência, memória ou imaginação”.<sup>19</sup> Isso acontece porque voluntário e involuntário designam um exercício diferente para as faculdades. Nesse sentido, a percepção, a memória, o pensamento, a inteligência e a imaginação têm um exercício contingente quando são exercidas voluntariamente. Desse modo, aquilo que percebemos poderia também ser lembrado, imaginado, concebido. Do mesmo modo como o que nos lembramos ou imaginamos também poderia ser percebido. Por isso nossa percepção,

---

<sup>19</sup> A esse respeito, ver DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. p. 92.

nossa memória e mesmo nosso pensamento voluntários não nos dão nenhuma verdade profunda, mas somente verdades possíveis.<sup>20</sup>

### Entre a memória e a lembrança

O nono andar da UERJ é, para mim, signo de muitas coisas: coisas boas, muitas lembranças, muitos afectos, muito aprendizado, muita amizade – signo da *philia* – mas ainda de muitas querelas filosóficas. Evidentemente, após ter conhecido James, muita coisa mudou ali. Minha vida mudou e esse signo – que já era novo, pois inicialmente, correspondia a minha entrada na Universidade, nessa grande Universidade que é a UERJ – se tornou uma estrela, que não cessou de brilhar! Eu diria que essa estrela continuará a brilhar, sobretudo, se depender de mim, mesmo após essa perda. Diria até mesmo que essa estrela já é uma constelação, como afirmamos anteriormente, a constelação James-Claudio.

E o que dizer acerca das aulas de cinema do James? Falar dessas aulas, para mim, é lembrar de nosso primeiro encontro, na Tijuca. Ele me convidou para tomar um chopp e notei que ele bebeu whisky, mas tudo bem! Então, ele me perguntou o que eu gostaria de estudar. Eu expliquei que, dentre outras coisas, eu tinha uma grande paixão pelo cinema e que era um curso que eu gostaria de fazer. A partir daí, ele me falou dos livros de Deleuze sobre o cinema. Um tempo depois, nós já estávamos namorando, e ele me perguntou o que eu achava sobre a ideia de ministrar um curso sobre cinema, a partir dos livros de Deleuze sobre o cinema. É claro que eu amei a ideia! Então, eu participei da primeira experiência dele nesse estudo, em um grupo de estudos que ele já ministrava. Me lembro que ele falava sobre *Diferença e repetição* nesse grupo e, se não me falha a memória, ele propôs esse curso de cinema na casa da Irene.<sup>21</sup> Depois, alguns alunos acabaram se tornando amigos. Aliás, James fez muitas amizades com os alunos, que ele adorava! Ele cultivava o contato com seus alunos.

Um tempo depois, ele me perguntou sobre a possibilidade de oferecer esse curso na UERJ e eu apoiei imediatamente. A partir disso, ele iniciou os cursos sobre o cinema na Pós-Graduação e depois na Graduação. Posteriormente, ele ministrou outros cursos particulares, sobre cinema, e ministrou esse curso na Especialização em Arte e Filosofia da PUC-RJ. Enfim, os cursos de cinema fizeram um grande sucesso e o tornaram bastante conhecido pelo Brasil afora.

Agora, pela primeira vez, eu tomei coragem e estou ministrando um curso sobre cinema, a partir dos livros de Deleuze. O cinema sempre atravessou a minha vida, sempre amei e sempre aprendi muito com os filmes. Desde que comecei a dar aulas, os

---

<sup>20</sup> A esse respeito, ver A linda aula do Claudio sobre esse tema: <https://www.youtube.com/watch?v=CYwk9XIAKRA&t=697s> Acesso em janeiro 2025.

<sup>21</sup> Trata-se de DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Irene Mafrá foi uma das alunas do James, sua residência foi o local onde o primeiro curso do James sobre cinema ocorreu, entre 1997 e 1999 aproximadamente, no Humaitá. Um grupo de estudantes interessados, alguns que faziam Graduação em Filosofia e História na UERJ, outros no Curso de Especialização em Filosofia Antiga da PUC-Rio e demais estudiosos interessados, Psicanalistas. A própria Irene era também psicanalista.

filmes sempre estiveram presentes, mas é a primeira vez que consigo fazer um curso especificamente sobre cinema. E, claro, não tenho como não me lembrar de todas aquelas aulas maravilhosas, de todo aprendizado que tive ao longo dos 27 com o James.

Quem conheceu o James, sabe que ele gostava de frequentar os bares. Eu costumava brincar com ele e fazia um trocadilho com um trecho de uma música, de Paulinho da Viola: «não sou eu quem me navega/ quem me navega é o bar...». <sup>22</sup> Era muito divertido, mas também muito enriquecedor porque muitas aulas de filosofia, muitas trocas, aconteciam ali. Inicialmente, no Baixo Gávea, com o pessoal da PUC-RJ, mas também tinham os bares no entorno da UERJ, a Cobal do Humaitá, dentre outros. Houve uma época em que os bares do Centro também eram frequentados. Sempre próximos aos locais de trabalho, mas também tinham os dos finais de semana. É possível até fazer um mapeamento da frequência do James nos bares do Rio de Janeiro. Sempre que viajamos, ele também conhecia ou descobria algum bar. Talvez pudesse dizer que os grandes encontros filosóficos, para além das aulas maravilhosas, se davam sempre nos bares.

Quando conheci o James, já estudava Filosofia na UERJ e fiquei encantada com suas aulas sobre Platão. Ele realmente era um professor diferente. Me lembro do impacto de suas aulas em mim e acredito que também em todos que assistiam suas aulas. Estava no segundo período da Graduação em Filosofia, mas ele me mostrou um outro mundo filosófico! Quando me dei conta, só lia Platão! Confesso ainda que nunca tinha pensado que trabalharia com Filosofia. Mas, a partir disso, eu só queria estudar filosofia. Tenho certeza de que meu encontro com James foi decisivo para minha vida filosófica. Certamente, eu poderia dizer que o James me apresentou à Filosofia. Cada aula, cada curso que ministro hoje, tem a marca ou assinatura do James, porque ele sempre esteve presente na minha trajetória filosófica. Sempre me lembro dele e de tudo o que aprendi com ele. Mesmo que depois tenha aberto outras vias, das quais a filosofia sempre participou, é impressionante como a presença dele ainda é marcante em minha vida.

Eu participei do início da experiência do James com o cinema, como afirmado anteriormente, quando ainda estava na Graduação. Fiquei um tempo me dedicando a minha pesquisa e, quando voltei a assistir as aulas do James, achei que ele tinha dado um salto. Me lembro que ele citava muito o Bergson, nas primeiras aulas e, por coincidência, eu estava estudando Bergson, ainda na minha dissertação de mestrado, e sugeri que ele se aprofundasse mais no Bergson, já que ele falava tanto desse grande pensador. Depois ele me disse que tinha muita vontade de estudar Bergson. Então, quando eu voltei a assistir as aulas de cinema, elas estavam completamente diferentes. Até alguns alunos, que participaram dos primeiros cursos, notaram. Me lembro de uma aula na Especialização da PUC-Rio, que ele falou do primeiro capítulo de *Matéria e Memória* e foi uma coisa impressionante! A frase que lia no livro ressoava em minha cabeça, com essas aulas: “Todas as imagens se conectam entre si, por todos os seus lados e faces”. <sup>23</sup> Sempre que toco nesse assunto me lembro dele.

---

<sup>22</sup> A esse respeito, ver DA VIOLA. Paulinho: *Timoneiro*. O original é: “Não sou eu quem me navega/quem me navega é o mar...” <https://www.lettras.mus.br/paulinho-da-viola/162803/> Acesso em 17/06/2024.

<sup>23</sup> BERGSON, Henri. Op. cit.

Também me impressionaram muito as conferências dele sobre cinema na UERJ e na PUC-Rio, nas quais ele falava sobre a diferença entre as imagens em movimento e as imagens-movimento, bem como a crítica de Bergson ao nascimento do cinema, que para ele é zenoniano. São muitas lembranças e imagens para falar, mas infelizmente não é possível colocar tanta memória, invocar uma memória de quase trinta anos, como já dissemos, em um único artigo. Seria possível em ocasião oportuna, até mesmo, fazer um mapeamento de tantas aulas, detalhes, exemplos que me vêm à lembrança.

### Os gregos e a invenção da filosofia<sup>24</sup>

James deixou uma série de artigos que ele havia começado a escrever, mas que ele ainda não havia concluído e com os quais ainda não sei exatamente que fazer, talvez fazer uma publicação, a ser pensado com calma. Tomo a liberdade de citar alguns trechos de um deles, que escolhi devido à sua beleza e por crer que ele é oportuno também. O texto se chama: *Os gregos e a invenção da filosofia*:

Nenhum de nós hesita em conceder aos gregos a invenção da Filosofia, justamente porque encontramos entre eles os signos produtores de novos sentidos e a experiência criadora de novos devires. De suas inumeráveis e extraordinárias criações, nos mais variados domínios da atividade, advém esse empenho em resistir e transmitir a escala de grandeza com a qual desenharam suas vidas. [...] Como pode ganhar consistência, entre eles, essa vontade de beleza e esse excedente de criação, essa nobreza que se encontra consignada em todas as suas manifestações materiais e espirituais? De onde provém essa simplicidade com que edificaram a arquitetura de suas cidades e fabricaram sua cerâmica e suas armas? [...] Talvez da contemplação, da visão contemplada de suas próprias ruínas, das cinzas dos despotismos. Creio que, de tudo aquilo que os gregos puderam constituir, de tudo aquilo que eles puderam instaurar, nada é tão belo e grandioso quanto os espaços de liberdade que eles souberam criar para si próprios. De tudo aquilo que com eles aprendemos a admirar, nada é mais comovente do que esse grito, essa resistência ativa que eles souberam contrapor, mesmo nos momentos mais difíceis, aos despotismos e às tiranias de todo tipo. Os gregos experimentaram todos os riscos políticos para defender sua excepcional invenção, sua mais radical criação, que é a cidade autônoma, autogovernada, independente e livre. Por ela, para defendê-la lutaram sem tréguas, para pensá-la correram todos os riscos. É que origem, para eles sempre, foi um 're-começo'. [...] Do mesmo modo como foi preciso sequestrar os fragmentos dos antigos deuses para espalhá-los pelos quatro cantos das novas cidades, despojaram-se dos mitos, mesmo sem compreendê-los bem. Foi preciso também traçar, nessas cidades, um meio imanente onde pudessem se expressar, amar e viver livremente, mesmo distantes e no abandono dos deuses. Sacrificar a opinião, regente da vida política, para promover novas formas de liberdade, vencer o desespero do mundo, pensar e fazer filosofia. [...] Sim, porque para fazer Filosofia,

---

<sup>24</sup> Apesar de James ter estudado e lecionado muito Bergson, Deleuze, sobretudo, suas pesquisas no Mestrado e Doutorado, na PUC-Rio, foram sobre Filosofia Antiga, Platão.

diante do contemplado e frente ao desespero do mundo, fez-se necessário criar um sentido e um devir imanentes ao mundo. Porque há, como sugeriu Châtelet, um desespero do mundo e a iminência trágica da derrocada, da queda inevitável diante de todos os fracassos da democracia grega e de sua fragilidade.<sup>25</sup> [...] Justamente a democracia, esse ato de resistência da experiência social grega, que reclamava como princípio de organização das relações entre os homens, a medida, a distância e a polidez [...] Nem que tenhamos que cuspir nossas próprias línguas ou arrancarmos algumas orelhas, estejamos certos de que a liberdade estará garantida toda vez que nos encontrarmos diante de um pensador. O encontro com um pensador é também a aventura da liberdade.<sup>26</sup>

Citamos ainda o trecho do livro de Deleuze sobre François Châtelet, mencionado por James:

As relações humanas começam por uma métrica, uma organização do espaço que sustenta a cidade. Uma arte de instaurar distâncias entre os homens, não hierárquicas, mas geométricas, e não ficar nem muito perto nem muito longe, a fim de evitar os ataques. Fazer do encontro entre os homens um rito, uma espécie de ritual de imanência, mesmo se para isso for preciso um pouco de esquizofrenia. Os gregos nos ensinaram, como nos lembram Gernet ou Vernant, a não nos fixarmos em um centro estabelecido, mas a adquirirmos a capacidade de transportar um centro conosco a fim de organizar conjuntos de relações simétricas e reversíveis, efetuadas por homens livres.<sup>27</sup>

Para finalizar, citamos ainda o último trecho do texto de James:

Transportar consigo um centro, mas uma centralidade sem referências a um eu, cuja consistência devia estar condicionada à existência de homens polidos, dispostos a estabelecer entre si relações simétricas, reversíveis e imanentes. Manter o *pathos* da distância como se fosse um abrigo, uma disposição para a liberdade, um ato para o pensamento. Sem essa disposição ativa, sem essa entrega ao pensamento só nos restam as presunções ilegítimas, despóticas ou tirânicas contra tudo o que há de belo, nobre e inalienável na vida. [...] Mais do que qualquer outro valor, o que os gregos pareciam carregar consigo, para onde quer que seu impulso de conquista pudesse tê-los conduzido, o centro móvel de suas ações, parece ter sido essa aptidão para a liberdade, o ato de resistência a toda e qualquer forma de submissão despótica ou tirânica, a disposição para estabelecer e estabelecer-se em meio à liberdade, única possibilidade de exercer e de expandir os limites da vida. [...] A filosofia em suas origens é grega, fala grego, sem dúvida alguma; mas a filosofia só é grega e fala grego por que os gregos constituíram para si os atos necessários para resistir a tudo aquilo que limita a liberdade, a tudo aquilo que impede a criação. [...] Talvez, dentre todos os povos, tenha sido reservado aos antigos gregos o sentido e o devir que todos acreditamos encontrar no pensamento: a defesa da liberdade como ato

<sup>25</sup> DELEUZE, Gilles. *Péricles e Verdi: a filosofia de François Châtelet*. p. 31.

<sup>26</sup> ARÊAS, James. *Os gregos e a invenção da filosofia*. (texto não publicado) 2007. Tomamos a liberdade de fazer algumas alterações na pontuação e em pequenos erros de digitação, tendo em vista uma melhor respiração do texto, como o próprio James dizia.

<sup>27</sup> DELEUZE, Gilles. Op. cit., p. 31.

de resistência e exercício de criação. Para garantir o exercício efetivo da Filosofia, apesar das presunções e dos presunçosos, dos acólitos das tiranias, sempre foi preciso estar à altura do pensamento. E estar à altura do pensamento é tornar-se capaz de enfrentar todas as formas pelas quais tentam nos convencer, de que as coisas não podem ser de outro modo, todos esses clichês anônimos que circulam entre nós, esse macabro cortejo que viceja, organiza e difunde o ódio ao devir e que pretende submeter o grandioso, de nossas liberdades e da filosofia de que necessitamos verdadeiramente para viver, ao jogo mesquinho das necessidades estabelecidas, dos deveres artificiais e das finalidades impostas.<sup>28</sup>

Curioso, é que talvez por lucidez, mas não sei ainda se, por uma coincidência, James insistia muito, nos últimos anos, para que escrevêssemos um artigo juntos. Mas, infelizmente, devido ao seu estado de saúde não foi possível sentarmos juntos para realizar isso. Somente conseguimos organizar o último Colóquio online, na triste época da Pandemia.<sup>29</sup> Então, para mim, ter a oportunidade de citar esses trechos de seu artigo, ainda em preparo, é como se estivéssemos escrevendo juntos o artigo que ele tanto queria que fizéssemos, a quatro mãos. Deixo aqui minha homenagem póstuma a esse grande professor e pensador brasileiro James Arêas. E, sobretudo, o meu Muito obrigada!

## Referências bibliográficas

- ARÊAS, James. *Os gregos e a invenção da filosofia*. (texto não publicado) 2007.
- ARÊAS, James. *Currículo Lattes*. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5464857528712941>
- BERGSON, Henri. *Oeuvres*. Édition du Centenaire. Paris. Presses Universitaires de France, 1991.
- BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo, Martins Fontes, 2006.
- CARQUEJA, Rodrigo; DAMASCENO, Veronica; MULLER, Guilherme Júnior et al. *Mesa em homenagem ao Professor James Arêas*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=still1-0xOto&t=426s> Acesso em 19/05/2024.
- DA VIOLA, Paulinho: *Timoneiro*. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/paulinho-da-viola/162803/> Acesso em 17/06/2024.
- DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- DELEUZE, Gilles. *Cinema 2: a imagem-tempo*. Tradução de Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução revista de Luiz B. L. Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

<sup>28</sup> ARÊAS, James. Op. cit., p. 03

<sup>29</sup> Trata-se do Colóquio *Nas garras do presente*, do qual ele infelizmente não conseguiu participar inteiramente, pois precisou fazer uma cirurgia e ficou uns quarenta dias hospitalizado.

- DELEUZE, Gilles. *Péricles e Verdi: a filosofia de François Châtelet*. Tradução de Hortência S. Lencastre, Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- FELLINI, Federico. *Amarcord*. Itália, 1973. 127 min.
- ULPIANO, Claudio. *Em busca do tempo puro*. Palestra gravada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CYwk9XIAKRA&t=697s> Acesso em Janeiro 2025.
- ULPIANO, Claudio. *Biografia de Claudio Ulpiano*. Disponível em: <https://acervoclaudioulpiano.wordpress.com/tag/biografia/> Acesso Janeiro 2025.
- VERBETE “Claudio Ulpiano”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Claudio\\_Ulpiano](https://pt.wikipedia.org/wiki/Claudio_Ulpiano) Acesso Janeiro 2025.
- VERBETE “Vladimir Seixas”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Vladimir\\_Seixas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vladimir_Seixas) Acesso em Janeiro 2025.
- ZOURABICHVILI, François. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34 Letras, 2016.

---

Recebido / Received: 16/07/2024  
Aprovado / Approved: 24/04/2025